

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographica, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 9 DE MAIO DE 1904

NUMERO 27



MARQUEZ DE SOVERALL

É um diplomata d'universal reputação o sr. marquez de Soverall. Homem politico e homem de sociedade, tem o seu nome ligado á historia da reconstituição da alliança Igglesa. Amigo pessoal de S. M. o rei Eduardo VII, seu hospede por vezes e seu companheiro, merece a alta estima e a consideração em que o tem o soberano da Grã-Bretanha.

O illustre diplomata fez parte d'essa pleiade brilhante de talentos que ha duas gerações litterarias se affirmou sob o nome de *Vencidos da Vida*, entre os quaes se contavam nomes como o do mestre do romance moderno, Eça de Queiroz, o do historiadar Oliveira Martins, o politico Lobo

d'Avila, os escriptores de raça Hamalho Ortigão, conde d'Arneso, etc. Alto espirito, vivendo entre essas outras intelligencias d'élite, chamado por uma vocação enorme para a diplomacia, o nosso ministro em Londres tem conseguido fazer uma das mais brilhantes carreiras e tem-se imposto á admiração e á gratidão de todos os portuguezes.

Agora o sr. marquez de Soverall veiu a Portugal a fim de descansar e recolher-se ao seu solar de Sidra, onde receberá as homenagens dos seus conterraneos que o estimam e respeitam, indo tambem inaugurar a nova Misericórdia de S. João da Pesqueira, cuja direcção solicita tão subida honra.

CHRONICA

Ao entrar o maio

O senhor abril chegou ao limiar do céu com a sua túnica de primavera, a sua gorra de botões de rosa e o seu bordão florido d'uma haste d'acácia nobre e rejuvenescida e preparou-se para descansar um anno.

E maio, glorioso, de carnos rosas lacteas, envergado de lilazes, com um ar meio anctuoso, meio revoltado, tendo o roxo das violetas a marcar-lhe a pretensão catholica do mez de Maria e a vermelhidão das rosas a definir-lhe os impetos de reivindicações obreiras, meio garoto, meio serio, no momento d'avançar para o mundo lançou um olhar desdenhoso ao predecessor: e ali, no limiar do céu, travaram-se de razões.

No momento d'entregar o seu sceptro, abril falou assim:

—Lá vaes tu, oh! maio, reger os homens, com a tua maneira duplice e com o teu ar de mansidão... Não te conhecem e chamam-te mez das rosas, não sabem d'onde vens, nem o que tens feito...

—E tu—volveu a mostrar os dentes feitos de corôas de lyrios—tu, abril enganador, que pela alcavalla fechaste o parlamento, tu *blaguear* que no entraras lances logo a farça, inventas o teu *poisson*... Ora vê se te recordas d'aquelle marseizez que no dia primeiro do teu reinado, no estontamento, cheio d'uma miragem, entendem lançar ás turbas a mentira de que na praia apparecera, phenomeneal e exótico, um monstruoso peixe e que, ao vêr correr toda a gente para as bandas do mar, bateu na testa e exclamou:

—Um peixe monstro?! Que?! Será verdade!...

Apesar de ter inventado a mentira corren tambem a vér detraz dos outros que iam apressados, como certo deputado guindado a ministro da fazenda que, depois de ter inventado cifras, quantias nos cofres publicos, foi para o ministério a vér se realmente lá existia o que espalhara...

Corou o abril, sentiu esfoguear-se-lhe a cabeça e bradou:

—É's tu que falas...?! E então não te recordas da tua lenda?!

Com voz pausada, mansa, resbada por vezes d'ironia, abril, o dos *poissons*, das mentirozas, começou a dizer o que sabia, além no limiar do céu, pela hora tarde de meia noite quando os mundos rolavam infinitamente.

Eis o que elle contou:

No Algarve, linda terra de quetroiras, do sol que embebeda, do luz que exalta, terra de tradições, do



OS CYCLISTAS DE CAÇADORES N.º 2

paganismo, de ancedades nervosas e de poentes côr de sangue, festejava-se outr'ora o maio com grande fausto. Vinham as Maias, moçoilas garridas, vestidas de claro e cobertas de flores, cercando o magico do mez que resplandecia de ouro, que levava todos os cordões e todas as arroçadas, todas as pulseiras, todas as jóias da villa emprestadas sentimentalmente pelas mulheres, por essas more-

emquanto o deus pagão, o maio que devia apparecer carregado d'ouro, se enfeitava para ir tomar o seu lugar.

Mas passaram as horas e então foram bater-lhe á porta. A gente assustada, os corações sobressaltados, n'uma agitação enorme, não podiam calar os seus brados de desespero.

O seu eleito, o bello e verboso desconhecido, o maio da festa, galharo e pagão, desaparecera e consigo levava o ouro do povoado!

E isto contou abril ao mez corrente no limiar do céu e no fim do seu reinado, concluindo:

—No Algarve é's tão odiado que jamais te dizem o nome, falam de ti zangados e d'uma forma muito impessoal. Não és o maio para essa boa gente algarvia, chamam-te o *mez que ha-de vir*, isto quando eu reino, o *mez que passou* quando reina o junho... Já vês, pois, a que abjecção chegaste oh! pomposo mez que me increpas algumas tranquibernas do poica monta.

—Por isso todos tomem a tua entrada oh! maio que me atacas!...

O outro mordeu os beiços, afastou-se um pouco e voltou:

—Abril, isto, como os teus *poissons*, foram acasos! Nós somos amigos, marchamos seguramente enquanto o mundo fór mundo e devemos esquecer tanto os teus peccados, como os meus!

E o outro logo, denguero e sorridente, passando-lhe o macio braço pelo suave hombro, todo amavios, voltou:

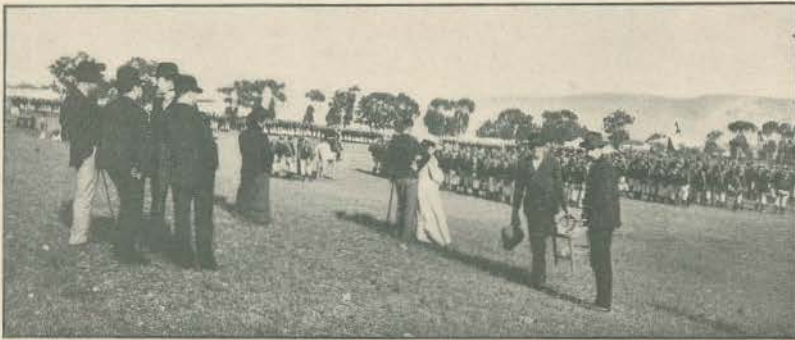
—Sempre fomos amigos... Oh! maio... Basta dizer-te que vaes fazer as eleições, que eu preparei, fechando o parlamento lá n'essa terra em baixo onde florescem as larangeiras e onde tu governas e governarás depois de mim enquanto o mundo fór mundo!

Estalou rija uma gargalhada, deram-se as mãos: abril sumiu-se nas nuvens e maio entrou glorioso com o seu azul, com as rosas, com a garganta afinada para as preces a Maria, o para o berro socialista, maio entrou trazendo em cada petala roxa da sua grinalda uma lista eleitoral.

Lembrao-vos, pois, do maio, d'aquelle foragido do Algarve, lembrao-vos do eleito, senhores, e sobretudo das eleições que já se preparam n'este mez que, cumplice d'abril, governa sempre após elle, tendo nos olhos a luz gloriosa e no intimo a manha que o fez lançar mão do ouro, dos festeiros com alguma cousa da *blague* que leva o *poisson d'avril*, mentira que se pega, não se nega e se não escuta, passa por brincadeira...

E' vér a moral do que elles disseram, senhores, n'essa meia noite, em sabbado, no limiar do infinito!

ROCHA MARTINS.



ASPECTO DO ACAMPAMENTO

nas, de olhos de peccado e falas cantaroladas, que trazem ebano nos cabelos e nacar nas bocas.

Ora, certa vez, appareceu um extranho que era bello e falava bem, que cantava e pia e prometia consas e dizia incarnar a valer esse maio pagão da lenda mourisca. E laes artes teve, laes palavras dizia que todos o elegeram para representar de maio. As ruas estavam coalhadas de gente, á soalheira agrupavam-se homens e mulheres.

Já as Maias cantarolavam e o cortejo se formava



INFANTARIA N.º 2 EM MARCHA
DIVERSOS ASPECTOS DOS EXERCICIOS MILITARES NO HIPPODROMO DE EFLEM



1.º O CARRO DOS JARDINEIROS—2.º O CARRO DO GRUPO DO FUTURO—3.º O CARRO DO TRABALHO—4.º A ASSOCIAÇÃO DOS FABRICANTES DE CERVEJA—5.º O CARRO ONDE FOI CONDUZIDA A PEDRA OPEREIRA PELA COOPERATIVA DE MOSTELAYAR E DEPOSITADA AO MONUMENTO DE JOSÉ FONTANA—6.º OUTRO ASPECTO DO CARRO DOS JARDINEIROS

A FESTA DO TRABALHO

Foi no congresso de Zurich em 11 de agosto de 1888 que se deliberou considerar o 1.º de maio como o dia da reivindicação proletária que fez seu symbolo os tres oitos: oito horas de trabalho, oito d'estudo e oito de descanso.

E então por todo o mundo, mais ha alguns annos do que presentemente, em que as manifestações socialistas tem tomado outro caracter sobretudo no estrangeiro, formavam-se grupos, arranjavam-se os carros allegoricos, os operarios vestiam as suas blusas, as mulheres vinham juntar-se ao rancho dos operarios e assim atravessavam as ruas com os seus penões e com a sua fé, com a sua ancia de liberdade e com as suas musicas, paralyçando por esse dia o Trabalho adorado e venerado no 1.º de maio, como o mais bello santo d'um novo calendario.

Esse dia escolheram-no, pois, os proletarios para tal solemnização e para prestarem as suas homenagens aos homons illustros que tem pugnado pela causa dos trabalhadores.

O operariado, assim, festejando o Trabalho no 1.º de maio, mostrase como uma nova religião, e a qual já tem apresentado os seus martyres e já tem os seus apóstolos no livro d'outro das idéas de paz e de concordia. Entre nós o movimento operario foi iniciado por José Fontana, o combatente, e por uma pleiade e de rapazes da qual faziam parte Eça de Queiroz e Anthezo do Quintal, que inauguraram umas conferencias no Casino, Sousa Brandão foi tambem um apóstolo d'essa idéa, mas aquelle que mais ficou no animo dos trabalhadores, aquelle cujo nome se tornou como o symbolo de idéa socialista em Portugal foi José Fontana.

Morto o apóstolo, o movimento continuou ordeiro e com alternativas de energia e de fraqueza, não se del-

xando todavia de fazer esse cortejo quasi sempre em romaria no cemiterio dos Prazeres, junto ao singelo tanulo de Fontana.

Tem ali n'uma romaria piedosa e cobriam de flores aquella pedra da qual surge um braço armado com um facho brilhante que é o guia symbolico dos trabalhadores, iam ali e, após algumas palavras ditas sobre a campa de apóstolo, partiam levando a saudade d'esse espirito de cujas faculdades tinha sabido o movimento associativo.

Este anno, o cortejo operario teve outro fim:—Voe ser levantada em face de Malaloure Municipal uma estatua a Fontana e no 1.º de maio o operariado foi lançar a primeira pedra d'esse monumento em presença do sr. Sabino de Sousa, vereador municipal e delegado camarario.

Com a sua simplicidade e com a sua ordeira forma, o operariado prestou a sua homenagem ao seu mais devoto apóstolo, ao qual se erguem um singelo busto além, quasi no fim da cidade.

O cortejo, luzido e grandioso, sob a luz magnificente, com os seus carros, com os seus symbolos, levando milhares de obreiros, lá se fez, acabando por uma romagem piedosa.

O sr. Azedo Guacco entregou ao vereador sr. Sabino de Sousa o martello com que havia de bater a pedra fundamental do monumento e, após algumas breves palavras, se concluiu a festa do trabalho n'esse 1.º de maio, de sol e d'allegria, mez de anciedade, d'esperanças para os que trabalham.

Correu tudo em boa ordem e em outras terras do país fizeram-se tambem manifestações assim como no estrangeiro, onde a idéa associativa tem encontrado adeptos e chefes em homens verdadeiramente operarios.



OLAVO BILAC

(Phot. Bobone)

O gortoso poeta brasileiro, cujos versos tem sonoridades e brillantismos, toques de crystal'o fulgore d'ouro, é um dos mais queridos entre nos após a publicação d'esse bello livro, *Uma Inquieta*.

E' novo ainda e já tem o seu nome coberto de gloria. Já elle chegou até nos a' um successo de triumphos através dos mares, tanto nas obras poeticas, como assignando a chronica d'um sabido galês que, publicadas na *Gazeta de Notícias*, constituem um verdadeiro successo para o jornal.

Maldição

Se por vinte annos, n'esta funta escura,
Deizei dormir a minha maldição,
— Hoje, veia e concada ta tortura,
Minh'alma se abriu como um vulcão!

E, em torrentes de colera e loucura,
Sobe a tua cabeça fúria
Vinte annos de silencio e de amargura,
Vinte annos de agonia e solidão!

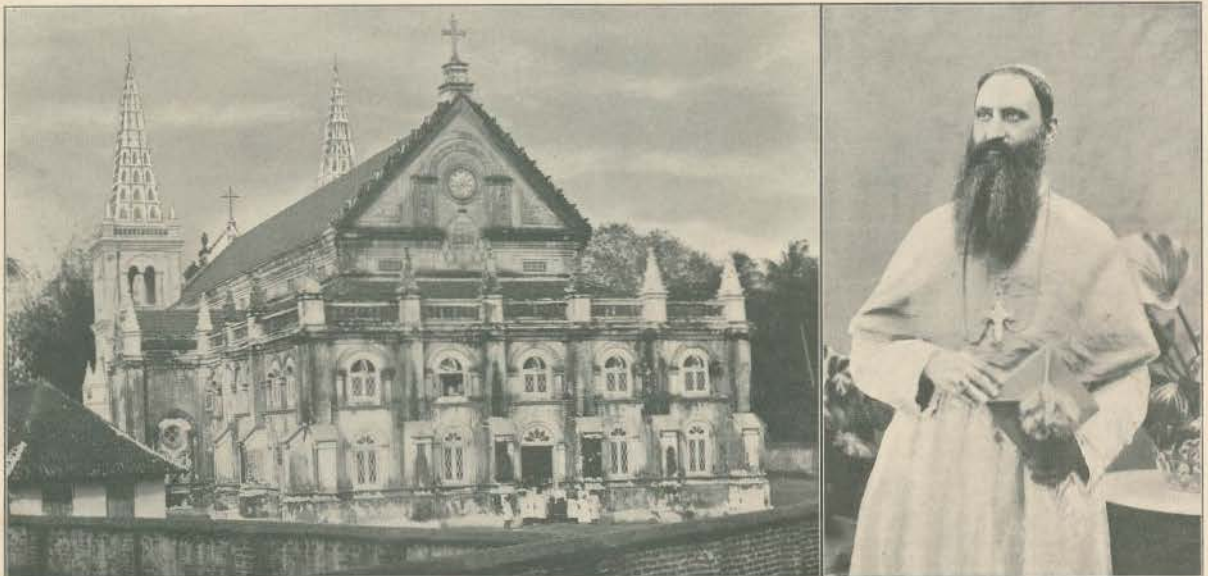
Maldita seja, pelo Ideal perdido!
Pelo mal que fizeste sem quera!
Pelo amor que morreu sem ter nascido!

Pelas horas vividas sem prazera!
Pela tristeza do que tenho sido!
Pelo fulgor do que deizei de ser!

Olavo Bilac

A POESIA D'OLAVO BILAC EXPRESSAMENTE ESCRITA PARA SER REPRODUZIDA NA «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»

Tivemos occasio d'aportar a mão do illustre poeta a sua passagem por Lisboa e, felicitando-o, saudamos n'elle os honras de lettras brasileiros de que é um bello legitimo representante. Em outubro voltará de novo a Portugal o illustre poeta a ver as provas da sua ultima produção, a qual foi entregue á livraria Teixeira d'esta cidade. Teremos então mais uma vez o prazer de o saudar e commoçar todos os seus admiradores d'este canto tão distante do Brazil, mas tão ligado a elle pela tradiçao de casta e de paaxer.



A NOVA CATHEDRAL DE COCHIM

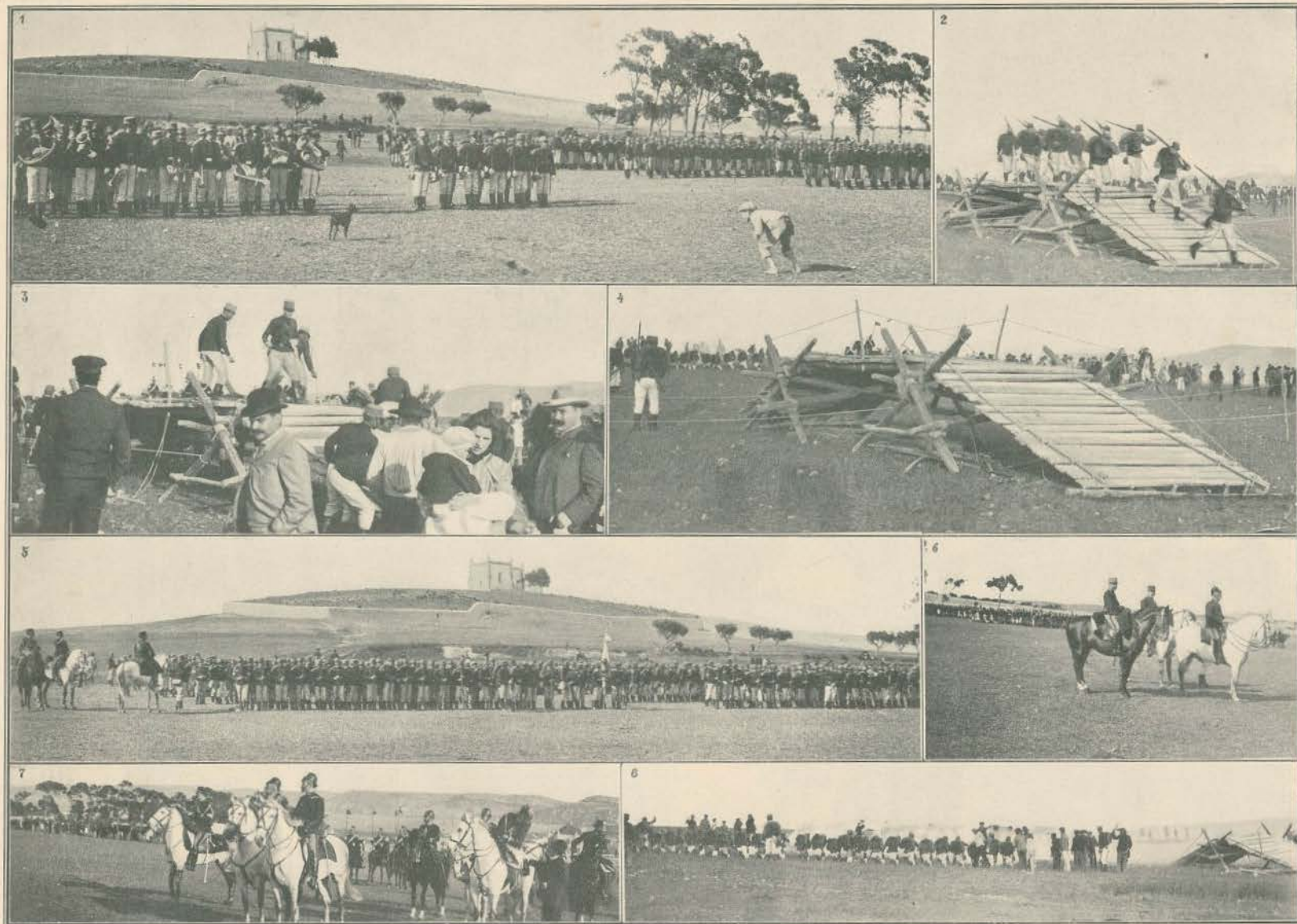
SR. D. MATHEUS DE OLIVEIRA XAVIER, BISPO DE COCHIM



A RECITA DOS ALUNOS DA ESCOLA MEDICA EM 4 DE MAIO NO THEATRO DA TRINDADE
OS INTERPRETES DA REVISTA «PERCUSSÃO SUPERFICIAL» ALGUNS ASPECTOS

É uma maravilha a revista, e são maravilhosos os interpretes, todos rapazes da Escola Médica. All ha vida e ha graça, forte e nota comica, entala rijamente a satira, deslucam-se perfis, eu-chamso de setas alguns ridiculos ao som d'aquella musica que o sr. Padua arranjou sobre motivos populares e com alguma da sua inspiração. Os estudantes, alguns em *travesty* interessantes, em lina caricaturas. A personagens conhecidas do modo escolar, redissaram o que muitas vezes não sougegem actores: fazer rir e fazer rir, em franca gargalhada portuguesa.
E os autores da peça, os srs. Xavier da Silva, Bossa e Fernandes, fazendo aquella peça toda

de graça e se de graça, demonstraram que entre gente de sciencia gastoso ha algumas vezes. Scholástico e encaladora a bella scena da *Abese*, que seta rochada de allusão, bem assim como a da *Higiene*, calhada em fazrante, aproveitada d'uma forma caustica e comica.
A revista representaracão de nove no dia 10 em benefício da Caixa de Soccorros a estudantes pobres. Mais uma vez tivemos occasião de ver essa juvenitude, que tão bem comprehende o seu papel. Molganda e fazendo o bem, e mais uma vez os autores da *Perçução Superficial* obtêrão os applausos pâr-noites que o escolhido publico da *première* lhes dispensou.



A REVISTA MILITAR NO HIPPODROMO DE BELEM EM 30 DE ABRIL

1, O REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 1—2, PASSAGEM A PONTE EM RETIRADA—3, EXAMINANDO A CONSTRUÇÃO DA PONTE—4, A PONTE CONSTRUÍDA PELOS RAPAZINHOS—5, CAÇADORES N.º 2—6, O SR. GENERAL GUYERDICH SUZAROVSKI O SR. GENERAL DE ODIARÓ
—7, DE BRÁ. GUERREAS ASSISTINDO AO EXERCÍCIO—8, CAÇADORES N.º 2 EM EXERCÍCIO



A VIAGEM DO PAQUETE ALLEMÃO «HOHNZOLLEERN», QUE SAIU DO TEJO EM 1 DE MAIO

1. O VAPOR «HOHNZOLLEERN» — 2. OS OFFICIAES: 1.º, COMANDANTE J. MEYER; 2.º, SR. LANE, AGENTE DA COMPANHIA DE «LLOYD»; 3.º, OFFICIAL SCOTT; 4.º, 1.º OFFICIAL REUCI; 5.º, ASSISTENTE DO COMANDANTE VAN DUYSSSEN; 6.º, 2.º OFFICIAL BALLERU; 7.º, O DIRECTOR DE — 8. OS PASSAGEIROS TOMANDO O SOL — 9. O CHEFE ENCARREGADO DOS ENFERMEIROS A BORDO — 10. O PASSAGEIRO DE ESTIBADO — 11. OS EXTINTORISTAS DO EGIPTO — 12. UM AFFEITO DA «HOHNZOLLEERN» NO CAIS DO RIO

O «Hohenzollern» pertence à casa Lloyd Alemã. É um bello barco, como todos os outros d'esta empresa, e que trouxe a seu bordo grande numero d'excursionistas, os quaes vão a S. Sebastian (Espanha). A bordo, n'uma tarde magallica, havia uma enorme animação, as lindas mulheres ingliezas e allemãs, com os seus trajes simples, os rostos rosados, candidos e desembarçados a um tempo, bebiam bebidas nos salões, os homens falavam d'impressões á veia de terra e todos á

uma galavam os encantos naturaes da bella cidade. Uma joven mãe, ao acabar de tomar notas na sua cartolina, muito sorridente, enestava-se a amarrar o all boyas enquanto os vapores e algumas bolas viviam trazendo os excursionistas para bordo do bello paquete, que partirá pela sua borca da manhã de domingo, levando todos os passageiros magnificas impressões de Lisboa, como alguns não o esqueceram.



A CERIMONIA DO ASSENTAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DO MONUMENTO A JOSÉ FONTANA NO DIA 1.º DE MAIO

A gratidão dos trabalhadores pela memória do apóstolo do movimento operário em Portugal manifestou-se aquando do erguer-se o monumento a José Fontana, o qual durante uma vida inteira, toda de dedicação e de sacrifício, lutou pelas classes oprimidas.

Além, em face do Matalouro Municipal, a umas polegadas de terra, assentou-se a lapide sobre a qual se construirá a estatua representativa do respeito pelo incitador, que será como a prova do reconhecimento proletário.

Em maio, aos ortos, com os seus carros alegóricos, com os seus pombos, mulheres e homens, grande das officinas levando consigo os filhos, lá foram prestar a sua homenagem ao apóstolo, que tão dedicado lhes foi e assim irão em todos os annos pelo 1.º de maio cobrir de flores a pedese.

tal d'essa estatua, cuja primeira pedra foi lançada com a assistencia do vereador municipal sr. Nabilio de Sousa; a quem o sr. Amalio Guscoy entregou o canartello com que devia bater a lapide inicial da estatua de Fontana.



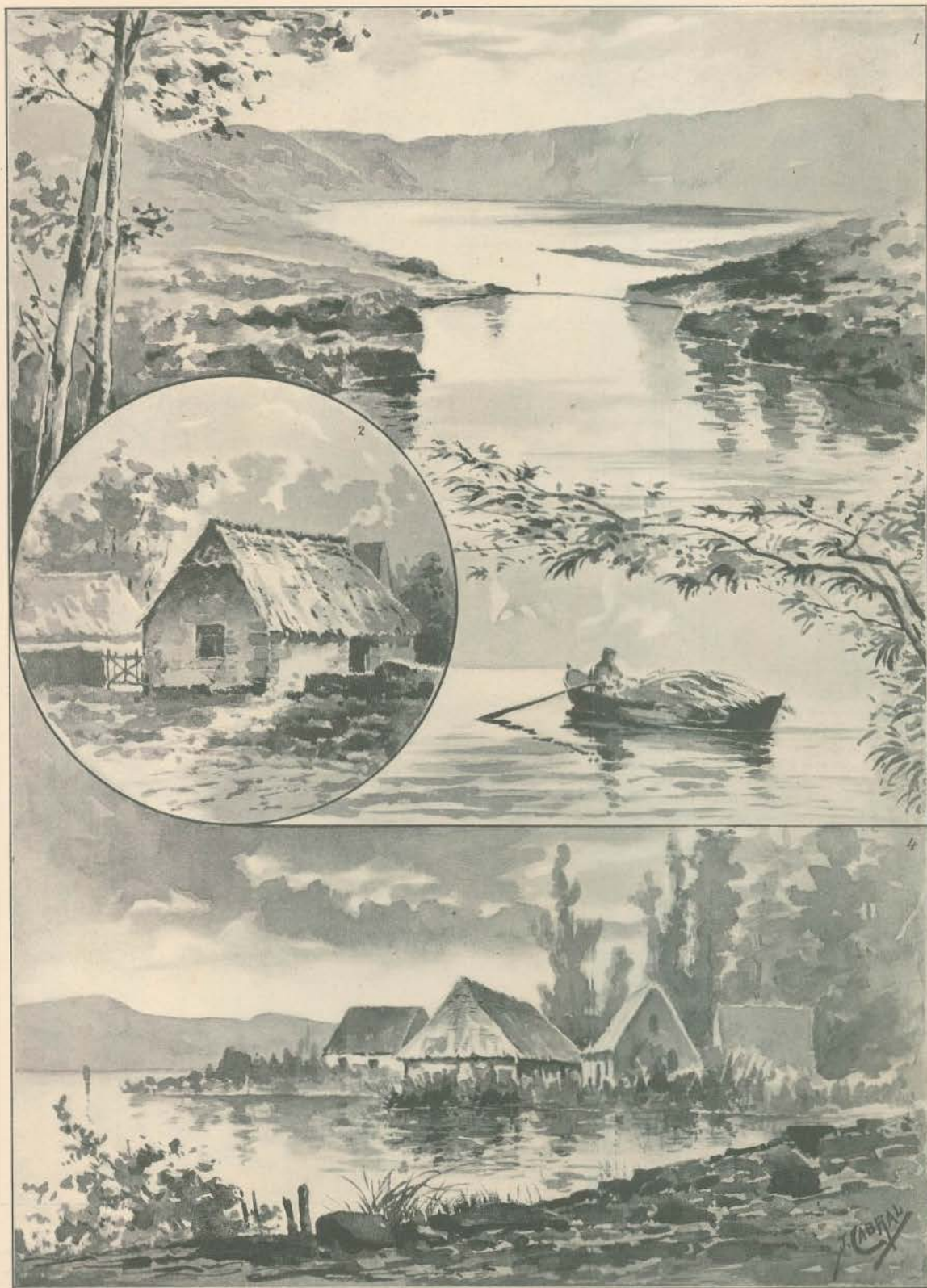
UM ASPECTO DA FEIRA D'ALCANTARA NO DOMINGO 1 DE MAIO, DIA EM QUE FOI INAUGURADA

A feira, aquella tradicional feira das Amoreiras e de Belém, em que realmente se feirava os porcos, e outros fructos, feiras que eram bem portuguezas, foram a abastardar-se aos poucos, e agora nem, n'quelle terreno junto a Alcantara mar, é como um acampamento, apressaria e quasi monotonico com a sua protecção civilisada. Ha grande numero de theatros, circos, espetaculos de todas as naturezas, barracas em que

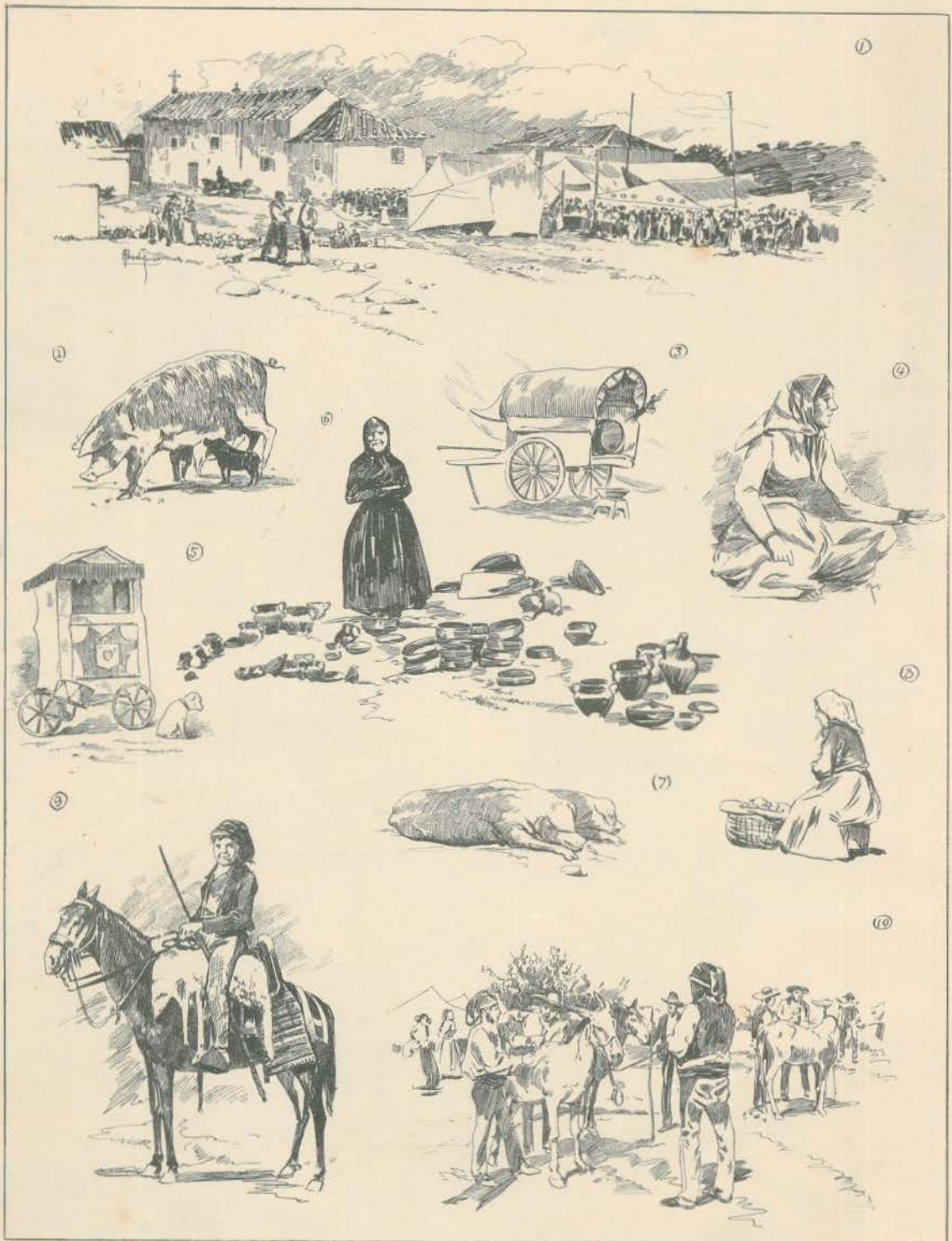
se expõem animatographos, fallando, no entanto, as antigas curiosidades que marcavam bem todo o pittoresco da diversão popular.

Já se não ouve o pallhao á porta das barracas, já não vem fazer segares e chamar o publico; agora tudo mudou, o personagem com muito de característico passou o seu lugar a uma tarba anodyna que faz negocio como em lojas da Baixa, detraz

do balcão, sem um dito, burguezmente, rou' ando todo e enão a essa feira popular, feira de marinhagem e de operarios, onde os instrumentos soprados com flumera laucum, não o atordamento, mas a desagradavel confusão. Ha, no entanto, algumas barracas interessantes, sendo para notar o numero enorme de restaurantes, que se instalaram este anno no local da feira, que em agosto—ao que dizem—irá para Belém.



SETE CIDADES—ILHA DE S. MIGUEL—AÇORES
1, OS LAGOS—2, UM CAZAL—3, BARCO DE PASSAGEM—4, À BORDA DO LAÇO



A FEIRA DE AGUALVA

1, ASPECTO GERAL DA FEIRA—2, OS SACORDES—3, A CABEÇA DO ALMOCRETE—4, UMA MERDOSA CERA—5, O TITATRIEDRO DE FANTOCHES—6, VENDEDORA DE LOUÇA—7, SEIROS—8, A QUEJADORA—9, UM MOÇO DO BARRIO—10, UMA TRANSAÇÃO

A feira na Agualva foi pittoresca e chamou gosto. Fazia-se negocio, ouvia-se ruído de vozes em disputas, os mendigos lamuriavam pelos caminhos onde os maiores passavam conduzindo o gado. Ao fim a paisagem verdejante, a vida campestre em toda a sua plenitude, ranchadas que vislumbram de longe, canções que se perdiam nas quebradas.

E o galo em montões repousava entre o vossar dos negociantes, estatelavam-se os vitellinhos brancos, muitos, em grande quantidade, apresentavam-se as vacas malhadadas e aborres, tratavam-se os negocios de copo na mão, n'um disputar que acabava quasi sempre com risos.

Durante os dias de feira, que terminou em 4 de maio, foi grande a affluencia de gente a esse bello logarejo de Agualva, onde se tinham armado barracas nas quasi o negocio era de primeira ordem.

Decorreu tudo em boa harmonia e as transações foram de certa importancia, e que foi bastante util tanto para os vendedores ambulantes como para o commercio local e mesmo para os mendigos que se arrastavam, chagados e lamuriantes, por todo o recinto do mercado e à beira das estradas.



O ASSASSINO DE DOIS OFFICIAES POR UM CABÇO, DA GUARDA MUNICIPAL.
O ASSASSINO NA REDACÇÃO D'«O SEculo» ENTREGANDO O ARMAMENTO AO SR. MAJOR DIAS DA POLICIA CIVIL.

«Não saio d'aqui enquanto o *Seculo* não smber como praticou o meu crime», foram estas as palavras que o cabo (15 da guarda municipal, Manoel de Deus, prozacion agarrado merrocamente a sua espingarda diante dos que pretendiam prendelo na redacção do *Seculo*, onde se dirigira para narrar o seu assassinio logo após o ter praticado.
Foi em sexta-feira, 3 de maio, que o militar, n'um momento de desvaizamento, ao saber que lhe iam ser applicados 10 dias de detenção, se dirigiu ao sr. capitão João José Rodrigues Baptista da 4.ª companhia da guarda municipal, a que pertencia o assassinio, no intuito d'obter o serviço d'esse castigo que lhe applicavam. Como o sr. capitão Baptista lhe mostrasse que o devia condemnar, e ra-

bo dirigisse-lhe à caserna, carregou a espingarda e subindo ao gabinete do official desfechoz contra elle a arma. Não ruiu da detenção o altero Arthur dos Santos Ribeiro, que trabalhava n'uma casa contigua, correu para o crimeoso, a qual desfechoz portante a arma matando tambem este official. Em seguida, desvaizado, como doido, correu atrezas das ruas segurando a espingarda e ameaçando a quem lhe embargava o caminho, dirigindo-se n'uma correria à redacção do *Seculo* a prestar declaração do acto allucinado, sendo preso após ellas pelo sr. major Dias da policia, antes pousa a quem Manoel de Deus entregou a arma depois de ser ouvido pelos redactores do *Seculo*.



OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAN. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLEN

O profeta Eliseu declarou que dentro em vinte e quatro horas o preço dos comestíveis baixaria a quasi nada, e assim foi. O exercito syrio, por qualquer motivo, levantou o acampamento e fugia, a fome diminuia, e muito avido especulador de estrame de pomba e de carne de burro ficou arruinado.

Folgámos de deixar essa antiga e poeirenta aldeia e do nos metter ao caminho. A's duas horas parámos para tomar *lunch* e para descansar na antiga Siquem, entre os montes historicaes de Gerizim e de Ebal, onde em tempos antigos foram lidas ás turbas de judeus, que estavam em baixo, as multidões e as bemaventuranças.

XXI

Um resto curioso do passado—Siquem—A mais antiga primeira familia da terra—O manuscrito mais antigo que existe—O verdadeiro tumulo de José—O poço de Jacob—Shiloh—Acampado com os arabes—A escada de Jacob—Mais associação—Ramah, Bethel, o tumulo de Samsuel, a Fonte de Baira—Impugnoria—Proximidade de Jerusalém—A cidade santa a vista—Suas feições prominentes—Dentro dos muros sagrados.

A estreita faixa de terreno em que está situada Siquem, Salom ou a terra dos siquemitas (que por todas estas tres denominações vem mencionada na Biblia) é cultivada com a maior perfeição, sendo o seu solo excessivamente escuro e fertil. Tem muita agua, e a sua opulenta vegetação contrasta bem com os montes esteiros, que campeiam de ambos os lados. Um d'elles é o antigo monte das bemaventuranças, o outro o das maldições; e os doutos que andam à cata do cumprimento das prophcias acham aqui uma maravilha d'esse genero—a saber, que o monte das bemaventuranças é extraordinariamente fertil e o seu opposto justamente o contrario. Contudo, não pudemos observar que na realidade houvesse muita differença entre elles.

Siquem é notavel por ter sido uma das residencias de Jacob, e a sede d'essas tribus que se separaram dos seus irmãos de Israel e propagaram doutrinas, que não eram conformes com o primitivo credo hebraico. Durante milhares de annos essa gente vivida em Siquem de baixo de estricte *tabu*, tendo pouco trato ou relações com os seus semelhantes de qualquer religião ou nacionalidade. Durante gerações não contaram mais de cem ou duzentos, mas ainda seguem a sua antiga fé e conservam os antigos ritos e ceremonias. Falta de familia e de antiga linhagem! Ufanam-se os principes e os nobres de ascendencias que podem fazer remontar a alguns seculos. O que vale essa bagatella comparada com este fecho de antigas primeiras familias de Siquem, que pode nomear os seus antepassados, sem faltar um, aos milhares—referidos a um periodo tão remoto que os homens creados n'um paiz, onde os dias de ha duzentos annos se denominam tempos «antigos», se confundem e perturbam quando tentam comprehende-lo! Aqui ha respeitabilidade—aquí ha «familia»—aquí ha uma alta

descendencia bem merecedora de que se fale n'ella. Este grave e altivo resto de uma commidade outr'ora poderosa ainda se mantem sequestrada de todo o mundo: vive como seus paes viveram: trabalha como seus paes trabalharam; pensa como elles pensaram; sente como elles sentiram, rende culto no mesmo logar e do mesmo modo antigo e patriarchal de seus paes. E é subjugado pela fascinação que su passio de qualquer vergonha errante d'essa raça extranha, exactamente como qualquer ficaria ao ver um mastodonte vivo, ou um megatherio, que se movesse ao fuzco a favorcer da criação, e ao contempiar as maravilhas d'esse mundo mysterioso que existia antes do diluvio.

Cuidadosamente conservado nos sagrados archivos d'esta curiosa commidade ha um exemplar minuscripto da velha lei hebraica, que se diz ser o documento mais antigo que ha no mundo. É scripto em pergamimho, e tem quatro ou cinco mil annos. Se se pode ver pagando uma esportula. A sua fama foi algum tanto empauada n'estes ultimos tempos por causa das duvidas que tantos auctores de viagens na Palestina se tem julgado autorisados a levantar a seu respeito.

José fez as suas ultimas disposições aos filhos de Israel em Siquem, e pelo mesmo tempo enterrou occultamente um valioso thesouro debaixo de um carvalho. Os supersticiosos samaritanos tiveram sempre medo de o procurar. Acreditam que está sob a guarda de espiritos ferozes, invisiveis aos homens.

A milha e meia, pouco mais ou menos, de Siquem, fizemos alto nas faldas do monte Ebal, defronte de uma pequena arca quadrada, cingida por um elevado muro de pedra, muito bem calado. Contra um dos lados d'elle ha um tumulo construido segundo o estilo dos mahometanos. É o tumulo de José. Não ha verdade melhor authenticada que esta.

Quando José estava moribundo prophetizou o exodo dos israelitas do Egypto, que occorreu quatrocentos annos depois. Ao mesmo tempo exigiu do seu povo o juramento de que quando fossem para a terra de Canaan levariam consigo os seus ossos

e os inhumariam nas antigas terras de seus paes. O juramento foi cumprido.

«E os ossos de José, que os filhos de Israel levaram do Egypto, foram por elles sepultados em Siquem n'uma parcella de terreno que Jacob comprou aos filhos de Hamor, paé de Siquem, por cem moedas de prata.»

Poucos tumulos na terra se impõem á veneração de tantas raças e de homens de diversas crenças como este de José. Respeitam-no igualmente os samaritanos e os judeus, os musulmanos e os christãos, e honram-no com as suas visitas. O tumulo de José, o filho obediente, o irmão dedicado e generoso, o homem probo, o sábio principe e governador. O Egypto sentiu a sua influencia — o mundo conheceu a sua historia.

N'essa mesma parcella de terrenos, que Jacob comprou aos filhos de Hamor por cem moedas de prata, está o celebrado poço de Jacob. É aberto na rocha firme, e tem nove pés em quadrado e noventa de profundi-



A FONTE ARABE EM JERUSALEM



dado. A denominação d'esta singela cova aberta no solo, por onde se pode passar sem fazer reparo n'ella, é tão familiar como as expressões domesticas até ás crianças e aos camponeses de muitas terras distantes. E' mais afamado que o Parthenon, e mais antigo que as Pyramides.

Foi ao pé d'este poço que Jesus se sentou o conversou com a mulher d'essa extranha e antiquada communidade samaritana, a que me tenho referido, e com ella falou da mysteriosa agua da vida. Como os descendentes de antigos nobres inglezes ainda se desvanecem com as tradições que ha nas suas casas de que este ou aquelle rei se demorou um dia com algum seu antepassado valido, ha trezentos annos, não ha duvida de que os descendentes da samaritana, que lá vivem em Siquem, ainda alludem com perdoavel vaidade a essa conversação da sua antecessora, passada ha um certo tempo, com o Messias dos christãos. Não é provavel que elles dêem pouco apreço a semelhante distincção. A natureza dos samaritanos é a natureza humana, e esta recorda-se sempre do contacto com as pessoas illustres.

Por uma offensa feita á honra da familia, os filhos de Jacob exterminaram uma vez toda Siquem.

Deixámos o poço de Jacob, e continuámos a nossa jornada até ás oito horas da noite, mas um tanto devagar, por termos estado a cavallo dozanove horas e os cavallos se acharem cruelmente cansados. Haviam-nos distanciado tanto das tendas que tivemos de acampar n'uma aldeia arabe e de dormir no chão. Poderíamos ter dormido na maior casa de todas, mas isso tinha alguns inconvenientes: estava cheia de vermes, tinha o pavimento imundo, não era de nenhum modo limpa, no unico quarto de cama havia uma familia de cabras, e na sala dois burros. Da parte de fóra não havia nenhum transtorno, a não ser que os fuscos aldeãos, andrajosos e de olhar avido, de ambos os sexos e de todas as edades, se agrupavam agachados em torno de nós e nos discutiavam e apreciavam em alto falatório até á meia noite. Pouco nos importava o barulho, estando fatigados, mas sem duvida o leitor bem vê que é quasi impossivel adormecer sabendo que está ali gente a mirar-vos. Deita-

mo-nos ás dez horas, erguemo-nos ás duas da madrugada e partimos outra vez. E' d'este modo que se é perseguido pelos dromen, cuja unica ambição n'esta vida é tomar a deanteira aos maes.

Ao alvorecer da manhã passámos por Shiloh, onde a Arca da Alliança esteve trezentos annos, e a cujas portas o bom velho Eli cahiu e partiu o pescoço quando o mensageiro, que partira a todo o galope do campo de batalha, lhe contou a derrota do seu povo, e, sobretudo, a tomada do orgulho dos filhos de Israel, a sua esperanza, e seu refugio, a antiga Arca, que os seus antepassados tinham levado consigo do Egypto. Não é muito para admirar que em taes circumstancias elle cahisse e partisse o pescoço. Mas Shiloh não tinha encontros para nós. Estavamos tão frios que se podiamos ter conforto no movimento, o tão tontos de somno que mal nos podiamos segurar sobre os cavallos.

Decorrido algum tempo chogámos a um montão informe de ruínas, que ainda hoje se chama Bethel. Aqui foi que Jacob descansou e teve a soberba visão dos anjos que subiam e desciam por uma escada, que chegava da terra ás nuvens, e relanços da sua bendita estancias através das portas do cœo.

Os peregrinos apoderaram-se de que restava da ruina consagrada, e dêmo-nos pressa de alcançar o fim da nossa cruzada, a famosa Jerusalem.

Quanto mais avançávamos, mais ardente se a tornando o sol, e mais pedregosa e má, repulsiva e triste, se tornava a paisagem. Se cada dez pés quadrados da terra fosse occupada por uma distincta e separada officina de canteiro durante um seculo, não haveria mais fragmentos de pedra a juncarem o solo por toda a parte do que ha aqui. Raro se via uma arvore ou um arbusto. Até a oliveira e o cacto, esses devotados e amigos dos maus terrenos, quasi que haviam desamparrado o paiz. Não ha paisagem mais fastidiosa do que: a que rodeia as cercanias de Jerusalem. A unica differença que se nota entre as estradas e o solo circumjacente talvez seja a de haver mais rochas n'aquellas do que n'este.

Passamos Ramah e Bethel, e á direita vimos o tumulo do propheta Samuel ás cavalteiras de uma grande alti-

ra. Ainda se não avistava Jerusalem. Proseguimos com impaciencia. Demorámo-nos um instante na antiga fonte de Belza, porém as suas pedras, muito desgastadas pelo fochão de annos com sede que se fhiram ha seculos, não tinha interesse nenhum para nós—morríamos por ver Jerusalem. Placámos as bestas, do monte em monte, e de ordinario começávamos a esbalar o pescoço antes de chogarmos ao cimo—mas seguia-se sempre o desengano:—mas montes estúpidos para além—mas paisagem sem relevo—e nada da cidade santa.

Enfim, no meio dia, principiaram a orlar a estrada pedaços de antigos muros e acoos meio arruinados:—esforçámo-nos por galgar mais um monte e não peregrino, todo o peccador, ergueu alto o chapéu! Jerusalem!

Levantada sobre os seus eternos montes, branca, com cupulas e solidas, apinhada o altoado de muros cinzentos, a veneravel cidade brilhava ao sol. Tão pequena! Pois não é maior que uma aldeia americana de quatro mil habitantes e que uma cidade ordinaria da Syria de trinta mil. Jerusalem conta apenas quatorze mil habitantes.

Após-nos a, sem proferir d'isso contos, contemplámos-a durante uma hora, através do valle que se interpendia entre nós e a cidade; e notámos essas suas folhas promissoras que as gravuras tornam familiares a todos os homens desde o tempo em que vão á escola até á morte. Reconhecemos a torre de Hippico, a moquita de Omar, a porta de Damasco, o monte das Oliveiras, o valle de Josaphat, a torre de David, e o horto de Getsemani—e partindo d'esses marcos apontaríamos talvez quasi sem errar o sitio de muitos outros que não podiamos distinguir.

Registei aqui como facto notavel, mas não desastroso, que os nossos peregrinos nem sequer choraram.

(Continua.)



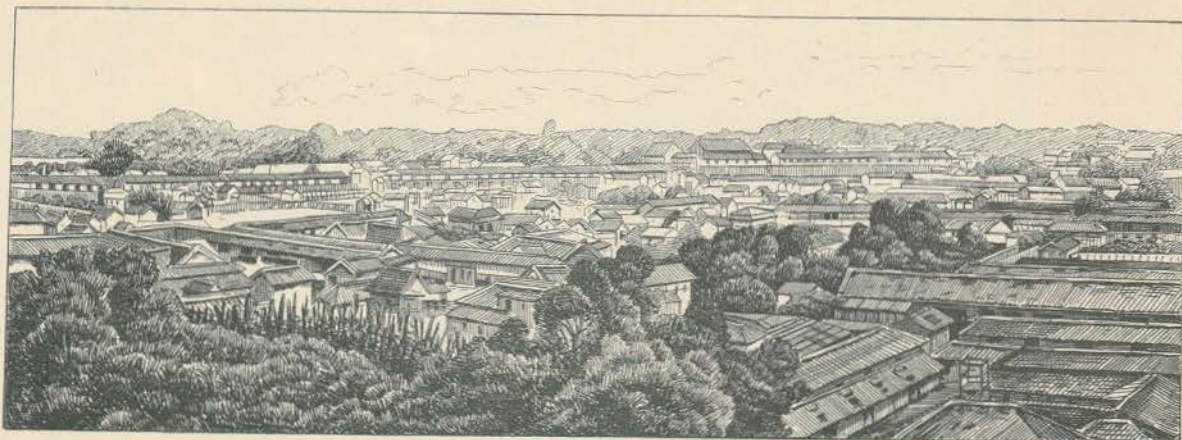
JOÃO JOSÉ RODRIGUES BAPTISTA
O CAPITÃO DA 1.ª COMPANHIA DA GUARDA MUNICIPAL.
Assassinado em 5 de maio no quartel da Estrella
pelo cabo n.º 115, da mesma companhia,
Manuel de Deus



MANUEL ANTONIO DE DEUS
CABO N.º 115 DA 1.ª COMPANHIA DA GUARDA MUNICIPAL.
Assassinado dos dois officiaes da sua companhia



ARTHUR DOS SANTOS RIBEIRO
ALFERES DA 1.ª COMPANHIA DA GUARDA MUNICIPAL
A outra victima do cabo Manuel de Deus



A GUERRA RUSSO-JAPONESA:—VISTA GERAL DE TOKIO

CHRONICA ELEGANTE

As alternativas de dias puramente estivares e d'outros com noriadas desabridas rolombrando tardes de janeiro fizeram com que o formoso abril corresse sem o *entrain* proprio da verdadeira primavera. Até a supressão das gazetas trouxe uma nota desconsoladora a esse mox tão nomeadamente radioso e promettedor de festas e atrações.

Talvez as hon-
vesse, mas passaram-
so em segredo e sem
o condimento sugges-
tivo do *réclame* e dos
compte-rendu que são
um dos encantos de
todo o acontecimento
lisboeta.

A moda parece es-
tar fixada e provavel-
mente só apparecerão
de hora em diante va-
rias modificações e
inovações que não
podirão trazer altera-
ção importante.

Uma das foicões
mais notaveis da mo-
da actual é que nos
trajos de passeio se
observa a mais sen-
sata simplicidade de
feito e guarnições,
pelo menos na appa-
rencia, ao passo que
nos trajos de corimo-



FIGURA 1



FIGURA 2

nia, recepção, *soirée*, etc., o luxo attinge a mais alta fan-
tasia, o mais complicado requinte, a mais louca sum-
ptuosidade que se pode imaginar.

O branco, apenas *tesitê* ou simplesmente puro, é a
côr preferida para *toilettes* de maior elegancia. Os nomes
indicam bem as varias *maneiras* de branco: *crème, ciment,*
craye,ivoire, bis, champagne, blenté, Nil, etc. N'estas va-
rias gammas do branco, assim como nas côres attona-

das, formam-se associações que n'outros tempos teriam
parecido o cumulo do disparate: azul e lilaz, roxo e
côr de rosa, etc.

Os grandes *couturiers* adoptam, uns o estylo Luiz
XV, outros o 1.º Imperio, o genero 1830, ou o 2.º Impe-
rio, modificando-os e adaptando-os ás exigencias da li-
nha moderna e ao perfeito conhecimento do aspecto das
pessoas. Assim estuda-
da a questão da alta
moda, assim compre-
hendido o que melhor
convem á estatura, á
côr da pelle e dos ca-
bellos, o tambem ao ty-
po suave, severo ou
majestoso da physio-
mia, não é para admi-
rar que nas grandes
rounidas mundanas se
vejam surgir figuras já
de si formosas, mas que
a arte do *habilleur*
moderno completa da
maneira mais suggestiva
e encantadora.

FIG. 1 — *Toilette* de
recepção em *monsellene*
de soie branca com
incrustations de renda
guipure artistica portu-
guez.

FIG. 2 — Blusa de
chiffon côr de rosa, e
chapen 1830 de gaze
rosa com
plumas e ro-
sas debaixo
da aba.

FIG. 3 —
Toilette de
passeio em
étamine gris
argent. Chap-
peu de pa-
lla setim
com plumas
pretas.



FIGURA 3